

Dor e corpo no Futebol: Uma etnografia do mundo vivido em um centro de treinamento de um clube brasileiro

Fernando Gonçalves Bitencourt*

Instituto Federal de Santa Catarina – Campus São José

Resumo: Este texto discute, a partir de um estudo antropológico sobre o treinamento esportivo no futebol, sobre as implicações da dor na organização das relações sociais neste campo. Afirmo que a mesma é um suporte de agência para os atletas no seu encontro diário com a técnica, a ciência (biomédica) e a máquina. Na ambiguidade da dor, em sua incomensurabilidade e seu caráter inefável, reside uma possibilidade de resistência aos mecanismos de saber-poder inscritos na matematização da vida, na eliminação das incertezas e no controle dos corpos que as ciências exigem.

Abstract: From an anthropological point of view, this paper discusses about the sport training in soccer and the implications of pain in the organization of social relationships in this area. I claim that the pain is a support of agency to the athletes in their daily encounter with the technique, the science (biomedical) and the machine. In the ambiguity of pain, in its immensity and affable character lie a possibility of resistance against the mechanisms of knowledge-power inscribed in the mathematization of life, in the removal of uncertainties and in the control of the bodies that the sciences require.

1. Abertura

O presente texto é um recorte de uma pesquisa mais ampla realizada em um centro de treinamento (daqui por diante CT) de um clube da primeira divisão do futebol brasileiro. Durante abril de 2006 a março de 2007, realizei um trabalho de campo – através de método próprio a antropologia – no qual pesquisei o cotidiano vivido por atletas, treinadores, médicos, fisioterapeutas, preparadores físicos entre outros especialistas ligados ao treinamento dos jogadores profissionais e à formação de atletas.

* Professor do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus São José. Doutor em Antropologia Social – PPGAS/UFSC

Naquele texto procurei compreender a relação do corpo atlético com a máquina, a técnica e a ciência no CT quando da aplicação dos saberes oriundos da biomedicina, das ciências do treinamento e demais ciências correlatas. Procurei investigar as relações de poder as quais os atletas estavam sujeitos e as possibilidades de ação e resistência dos mesmos. Deste ponto nasce este texto, devido a abertura e as incertezas que o tema da dor sugere.

O objetivo deste artigo é, então, refletir sobre a dor como componente do esporte de alto nível, seja durante o treinamento, seja durante o jogo. Argumento que a dor, uma vez que não pode ser alcançada pelos dispositivos de controle biomédico, pois fazem parte da existência dos jogadores, abrem espaços para a agência dos atletas e colaboram na estruturação e organização das relações sociais no futebol.

2. Algumas questões sobre a dor

Na abertura de *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) transcreve um relato bastante incômodo para nossa sensibilidade hodierna¹. O suplício, modo de punir anterior ao disciplinamento, vivido por Demiens, o condenado, é assim narrado:

[Demiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça de Grève, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento. (ROSSI in FOUCAULT: 1987, p. 9).

O texto continua destacando, para além da condenação, como as coisas se passaram: do uso das tenazes e da aplicação do enxofre, até o fracasso do desmembramento do corpo pelo uso de cavalos, quando foi necessário esquartejar parcialmente os membros com facas para que as coisas funcionassem. Falou também da

conduta do supliciado, seus pedidos de perdão a Deus, suas conversas com os bispos e o modo como levantava a cabeça para ver seu corpo. Finalmente, posto em pedaços na fogueira (havia dúvidas se o mesmo morrera antes), morreu sem ter praguejado.

Esta narrativa, que nos faz recuar no tempo, pode revelar outros contornos se pensarmos menos historicamente e mais espacialmente. As descrições de Clastres (1978) sobre os ritos de passagem em sociedades “primitivas”, nos quais a inscrição das leis sociais sobre o corpo, e a conseqüente aceitação destas, se dá através de ritos dolorosos: perfurações, escarificações, picadas de insetos, clausura, privações de alimento e bebida, etc. nos remetem a duas questões principais, a saber: dos modos de agenciamento social da dor e a forma de suportá-la – além, é claro, das sanções sociais de não enfrentá-la.

Eu mesmo, Bitencourt (1999), realizei um estudo sobre os trotes no esporte e de como, em sentido semelhante aos trotes universitários, calouros – neste caso os que participam pela primeira vez de uma competição específica – são “torturados” por veteranos, normalmente através da humilhação pública, de práticas que invadem a privacidade corporal e a intimidade e, em caso de resistência, com o uso da força para impor ao neófito as regras do grupo e promover sua sociabilidade (ainda que com terror) e confirmar seu pertencimento ao grupo.

De fato, seja perscrutando a história, mergulhando nas diferentes sociedades em suas culturas complexas, seja investigando nossa “aparente normalidade”, encontramos sistemas de relações nos quais a dor é elemento fundamental do conjunto que organiza a sociabilidade. No esporte, como acabei de mencionar, não é diferente. No esporte de alto nível, muito mais significativo, pois em sua lógica o atleta profissional *não passa um dia sem sentir dor*. É desta dor e suas implicações que trato a seguir.

Visto deste ponto, o esporte constitui-se como um paradoxo. Em *A Montanha Mágica*, Thomas Mann (2006, p.19) afirma que “a luta contra o sofrimento e a dor é o

coração da ideologia do progresso”. De fato, a modernidade procura afastar a dor, o sofrimento e a morte. Entretanto, quanto mais nos afastamos, mais a dor dói, o sofrimento se aprofunda e a morte angustia². Nas palavras de Le Breton (2006, p. 17): “Comme la mort, la douleur est la destinée commune, nul ne peut prétendre leu échapper”. Por outro lado, o esporte de alto rendimento exige a dor, sua presença e sua superação. A dor aparece como a justificação ideológica do esforço atlético e do heroísmo, seja na vitória, seja na derrota.

Antes de chegarmos às notas de campo, cabe ainda uma vez mais retomar investigações que antecipam esta perspectiva de tratar nosso objeto, o corpo, ainda que não se desenhe nestas a mesma concepção que se põe no fundo das teses deste trabalho. Em “Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade” e “A expressão obrigatória dos sentimentos”, Marcel Mauss (1974) vai apontar o caráter simbólico e social do corpo e suas manifestações. A leitura desta questão pode ser direta, ao entender-se que a sociedade infunde efeitos psíquicos em seus indivíduos sob os quais os mesmos, inconscientes e integrados, responderiam com as atitudes que o grupo espera dos mesmos.

“Deixar-se” morrer por ter descumprido um tabu alimentar (MAUSS, 1974) ou pôr-se a chorar no velório dos pais (BITENCOURT, 1999a), seriam imposições simbólicas do coletivo sobre os indivíduos. Do mesmo modo, a “eficácia simbólica” foi reafirmada por Lévi-Strauss (1996) quando o xamã é invocado para realizar um parto complicado de uma jovem *cuna*. Entre cânticos e rezas, uma luta é travada entre o xamã e os espíritos que impedem o parto. Através de invocações, sentenças e palavras, esta luta simbólica entre espíritos protetores (agenciados no útero, pelo xamã) e malfazejos se dá no interior de um corpo que vive e acredita, que jamais põe em dúvida tal evento, mas dele participa pela crença integrada no conjunto de práticas e símbolos próprios ao seu grupo. Ou ainda, como

bem expressa LeBreton (2006, p. 65): « Les mêmes matériaux en quelque sorte sont présents dans le chant du mythe et dans la chair de la femme».

Voltando a Mauss (1974), em “As técnicas Corporais” o autor explora a aprendizagem mimética e muda, desde a infância à vida adulta, dos modos de utilizar o corpo, esta primeira ferramenta que utilizamos no mundo. Pois bem, caso se sigamos estes autores, talvez encontremos ora uma modalidade de pensamento que compreende as complexas interações entre sociedade e psique individual. Por outro lado, talvez seja possível encontrar também aquilo que Bourdieu (1998; 2001) vai recuperar na idéia de *habitus* e que Merleau-Ponty vai trabalhar a fundo em toda a sua obra, a conexão irrevogável entre corpo e mundo.

Reconhecendo com LeBreton (2006, p. 63) – algo que também se expressa em Merleau-Ponty e Mauss – que “a ordem do corpo é de realidade simbólica”, retomo a idéia de que há uma aprendizagem do corpo, pelo corpo e que se dá no e através do corpo, anterior a toda a consciência. O que em Mauss aparece sob a perspectiva de uma aprendizagem mimética e em Merleau-Ponty (e mesmo Bourdieu) vai ser tomada como esta relação muda – “selvagem” – do corpo com o mundo é a âncora sobre a qual as práticas corporais – o se-movimentar – e seus corolários fundam este modo de estar no mundo.

Assim afirmo duas coisas sobre a questão da dor: a) que ela é aprendida no interior de um sistema prático-simbólico que, à forma da imposição da morte ou das emoções, lhes escapa ao sentido e se reproduz como prática incorporada e; b) que a consciência destas aprendizagens, sempre tardias em relação à aprendizagem por incorporação, é que possibilitam os agenciamentos no interior do campo ao qual os agentes pertencem, ainda de acordo com as lógicas internas e os sentidos recortados das práticas e significados.

Um último aspecto merece destaque, ainda que sua inserção talvez se dê por demais reduzida. Quando Foucault (2005) descreve o biopoder – ou seja, a entrada da vida nos cálculos do poder –, recupera uma distinção aristotélica entre *zoé*: o viver de todos os animais, a vida natural e; *bios*: a vida dos indivíduos ou grupos, a vida humana. Agamben (2007) esclarece que *zoé*, que o autor vai chamar de “vida nua” (do *homo sacer*), é a vida na qual apenas dor e prazer estão inscritos: é a vida dos animais, a vida natural. *Bios*, a vida na linguagem (não na voz, que todos os animais teriam), portanto a vida dos humanos, é a vida política, onde moral e virtude, bom e belo se exprimem.

O biopoder é o poder exercido não sobre a *bios*, exclusivamente, mas sobre a *zoé*, a “vida nua”, como os controles biomédicos e tecnocientíficos sobre as populações na contemporaneidade deixam exposto. A dor, porém, comporta uma ambigüidade, pois, como domínio da *zoé*, é infligida pelo próprio sistema – o biomédico e o treinamento, no caso do CT – que busca sua evitação e cura e, como passagem da voz a linguagem, tem sua incomensurabilidade transformada em um sistema de símbolos significados cuja prática opera nas estruturas de relações sociais dentro do CT.

Pensando no CT e no sistema de treinamento, afirmo que a dor estabelece o limite até onde o “jogo” pode ir: o limite imposto pelo corpo próprio. O limite de dor ao qual é legítimo suportar ou enfrentar implica colocar a dor não como uma variante fisiológica, mas inscrita no mundo vivido, organizado num sistema de valores e normas, numa cultura. Como sugere LeBreton (1995, pg 15), “dans la constitution d’un monde humain, cest-à-dire un monde de significations et de valeurs accessibles à l’action de l’homme, la douleur est sans doute une donnée fondatrice”. É possível pensar o esporte em geral e o futebol em particular como uma relação entre indivíduos regulada pelos limites impostos pela dor? Talvez não seja o caso, mas não se pode deixar de considerar que a dor é uma das muitas formas pelas quais as configurações do jogo encontram limites.

A dor, como percebi em uma de minhas primeiras observações de campo, é tratada com cuidado e em várias situações é motivo de desconfiança. Se toda a tecnologia tenta tornar o mais objetivo possível a formação e a preparação atlética – a normalização calculada pela biociência – a dor, como elemento da subjetividade, mas, mais importante, como imanência do corpo próprio – um saber do corpo? – coloca sob suspeita as possibilidades tecnocientíficas do controle absoluto sobre o corpo atlético. A intangibilidade da dor é suporte de agência. Assim, compondo as variantes dos usos sociais da dor, como sugere LeBreton (1995), na fé, no amor, na tortura e no mal, encontramos no esporte a singularidade ambígua da perseguição e do afastamento da dor.

Pois bem, em um parágrafo: de um lado encontra-se a ciência do treinamento que tem um exaustivo conhecimento e conseqüente controle sobre as qualidades e as valências físicas; organiza e planeja o necessário para o desenvolvimento de força, velocidade, resistência, aumento de massa muscular etc.. Por outro lado, há toda a ciência médica que faz o diagnóstico, o controle e a manutenção da saúde desses atletas. Para ambos, impõe-se uma maquinaria sofisticada. O que a ciência faz é eliminar incertezas. A dor, porém, é um elemento de incerteza. É um espaço onde a subjetividade do atleta pode jogar com as (in)certezas da ciência.

Portanto, a dor é componente intrínseco ao treinamento e constitutivo do futebol, e me parece relevante analisá-la. É amplamente divulgado, já o disse, que a dor faz parte da vida do atleta. Toda atividade física gera subprodutos não eliminados pelo corpo que, dependendo da intensidade, podem acumular-se entre as fibras musculares na forma de ácido láctico causando uma dor singular. Por outro lado, os impactos decorrentes do jogo de futebol geram lesões de diferentes graus que podem ser desprezadas ou exigir tratamento.

Na perspectiva dos próprios atletas e dirigentes, em esporte de alto nível, ou esporte de competição, a dor está presente. Assim, “o atleta tem que superar a dor para estar em um

nível acima”, segundo o Dr. Roberto e “se levantarmos a ficha (médica) de qualquer garoto dos juniores”, encontrar-se-á uma quantidade significativa de registros, uma vez que estes já estão no futebol há 5, 6, 7 anos ou mais. Estes registros de contusões, doenças e dores acompanham os atletas em suas carreiras, orientando o trabalho das biociências e, mais diretamente, marcando os corpos – as vidas – de cada um dos atletas em formação ou já formados.

Mas a dor não é apenas isso. Ela comporta algo mais. A dor tem um papel social. Como fato da natureza é inquestionável (talvez ponto singular de hiato entre humanos e máquinas), mas como fato da cultura é contextual. Tem caráter espaço-temporal e é aprendida na particularidade da vida coletiva. Há uma fisiologia da dor, que se esvazia ao reduzir-se há uma exclusiva biologização. Ao mesmo tempo, há modificações no sistema de fisiologia da dor decorrentes das experiências vividas pelos agentes.

O debate natureza/cultura encontra no fenômeno da dor um sistema complexo de interações. Segundo Guerci & Consiglieri (1999) o geneticista Lewontin entende que o indivíduo é o resultado histórico das relações complexas entre um genótipo e o ambiente, sendo a dor também fruto desta. Uma questão singular, entretanto, é o fato de que existe uma série de substâncias químicas atuando no cérebro quando da sensação da dor. Várias delas com efeito analgésico. Sabe-se, ainda, segundo tais autores, que “a repetição de estímulos dolorosos pouco intensos facilita a emissão de morfinais cerebrais mais do que um único estímulo muito intenso”.

Os atletas de futebol são sujeitados cotidianamente a uma série de estímulos dolorosos – leves, moderados ou intensos – que podem (devem) influenciar na capacidade de resistir aos impactos sobre o corpo decorrentes dos treinos e jogos, contribuindo na formação do “caráter guerreiro”. Observando os treinamentos, pude perceber que a intensidade dos contatos físicos é realmente grande. É provável que, se em uma “pelada”

de fim de semana se chegasse às intensidades dos treinos de garotos de 16 anos, teríamos uma grande quantidade de lesões, além do risco de o jogo terminar em pancadaria.

É nestes termos que para um dos preparadores físicos a dor é “maravilhosa”, pois é uma reação de defesa realizada pelo corpo, que ajuda aos preparadores físicos, médicos e fisioterapeutas dosarem o trabalho, controlarem suas ações, orientarem seus planejamentos. Não fosse a dor, o treinamento esportivo não seria possível. Paradoxalmente, a prescrição se baseia, como visto, no acúmulo de medidas e cálculos, na eliminação de variáveis, o que o elemento subjetivo inscrito na dor desfaz como um intruso. Ainda assim, este aspecto biologizante da dor encontra eco nas tentativas médicas de diagnosticar com precisão a dor do paciente através das máquinas de transluzir e escrever³ sobre o corpo e sua experiência no “inquerito”.

Entretanto, o fato de a dor ser de caráter intangível é reconhecido pelos próprios médicos, fato que debati com os mesmos e que se confirma neste depoimento:

A dor é subjetiva. Nós temos que respeitar. Nós temos parâmetros clínicos, parâmetros de exame, parâmetros de várias possibilidades para estar avaliando. A dor que o atleta refere às vezes, a dor que existe é provocada por algum processo. Nós temos condições de ir atrás e pesquisar esse processo, mas quando isso acabou, não existe a máquina para ver dor e essa máquina para ver dor é o bom relacionamento que você tem com o atleta e ele com você, entra a estrutura com respeito do atleta para os companheiros, com respeito para o clube, do respeito do atleta para o treinador, inclusive para a direção da entidade a qual ele está participando, no caso o clube.

Confirmando que a dor é menos um espaço do qual a ciência convoca suas certezas, a despeito das técnicas e tecnologias, e mais um problema no qual se desenrolam relações sociais complexas, temos que, segundo o Dr. Batista:

Nós, no dia-a-dia, estamos sempre no limite com o atleta, sempre em comum acordo com ele. A gente avalia, examina e coloca sempre a possibilidade dele estar bem ou não estar bem, estar lesado ou não estar lesado e a possibilidade de poder treinar ou não. Claro que isso tudo desde que não envolva riscos de gravidade para o atleta. Se ele está com entorse no tornozelo e consegue realizar o treinamento com uma dor suportável ou que possa acontecer do atleta não estar disposto a fazer, então ele não está disposto. Isso a gente se permite a fazer, desde que não vá causar nenhuma gravidade maior para o atleta.

É claro o fato de haver um esforço para que o trabalho médico, fisioterápico e dos preparadores físicos esteja embasado em conhecimentos e procedimentos inquestionáveis. Por isso, a despeito da ausência de uma máquina para ver dor, um sistema complexo de conhecimentos e práticas – que passam pelo saber médico, o diagnóstico clínico e por imagem, além do peso do clube como instituição – procuram diminuir as possibilidades de erro ou mesmo mobilidade dos atletas quanto a sabedoria de seus próprios corpos. Cito, a seguir, aspectos procedimentais descritos nas entrevistas realizadas com os médicos e fisioterapeutas que resumem o esforço de controle.

Inúmeros elementos objetivos são levantados para que a lesão e a dor possam ser diagnosticadas com segurança. Um, é a observação direta, pelos médicos, do causador da lesão. Estar presente nos treinos e jogos, além de assistir aos vídeos dos lances, gera uma objetividade preliminar, cujo amparo é a experiência médica na observação de contusões. Evidente que esta objetividade está ancorada na subjetividade médica, mas exprime-se como uma objetividade por presença ao fenômeno. O olhar informado resmunga as primeiras impressões.

É preciso, em seguida, determinar as características da lesão e da dor, pois (...) “a dor é muito subjetiva, mas ela também é diversa. Por exemplo, a dor de fincada, a dor de pontada, a dor de queimação, a dor de aperto, a dor de sufoco...”, como revela o Dr. Batista. Entretanto, a dor ou a visão do lance não podem ser os únicos parâmetros para a diagnose e o tratamento. Outros parâmetros são postos em ação, quais sejam, os funcionais, a reabilitação na pista, o trabalho de propriocepção, etc.

Os conhecimentos de fisiologia e anatomia dão, então, os próximos diagnósticos através do reconhecimento do local lesionado e dos testes funcionais para inferência e confirmação da lesão⁴. Segundo os médicos e fisioterapeutas há como, através destes testes, determinar o local exato da lesão e, com algum grau de sensibilidade, sua extensão.

Tal procedimento é correlato do inquérito/exame, no qual o atleta é instigado/estimulado a falar sobre sua dor: tipo (aguda, ardida, latejante); intensidade (fraca, média, forte); e mesmo duração e extensão.

Por fim, realizadas as condutas nas quais a relação médico-paciente se encerra, quando o estar juntos não informa mais nada, as máquinas são chamadas a intervir. O olhar maquínico – sobre o qual já se tratou – revelará a interioridade corporal e “a verdade” sobre a lesão. Entretanto, nada dirá sobre a dor, que ainda revelar-se-á intangível aos que não a sentem e mesmo inefável ao sofredor. Assim são os exames clínicos: tentativas de eliminação da subjetividade.

Por outro lado, como a dor entra num complexo de símbolos pelos quais os atletas se comunicam entre si e com os demais agentes do campo esportivo (comissão técnica), pode ser usada para agenciar posições e interesses na estrutura esportiva. Suportar a dor, manipulá-la, controlá-la, admiti-la ou forjá-la são recursos através dos quais uma lógica do corpo se engendra no sistema esportivo. De modo geral, os atletas toleram muito bem a dor e o contato físico (desde que seja considerado leal), como destaca o Dr. Roberto: “essa semana aconteceu algo interessante, minha irmã teve uma entorse no tornozelo, caiu no meio fio. Ela sentiu uma dor, segundo ela, insuportável. Entretanto, é uma dor que os atletas nem reclamam. Eles suportam muito mais que o padrão de um cidadão comum, sedentário”. De fato, suportam muito melhor a dor do que a jocosidade e a pilhéria, como a pancadaria entre atletas em caso de provocações e deboches pode atestar.

No limite, o que se tem é uma estrutura organizada por homens que infundem, desde muito cedo, os atributos “naturalizados” por nós da masculinidade: suportar a dor, revidar em caso de violência, vencer o adversário. Forja-se, em certa medida, o caráter guerreiro, que não por coincidência, alimenta-se nas inúmeras metáforas e metonímias que a guerra oferece ao esporte.

Uma passagem interessante, durante o treinamento do time juvenil, pode ajudar a compreender os aspectos que ligam a masculinidade “prescritiva” ao treinamento e à dor. Naquele dia, vários jogadores se contundiram, sendo necessária a intervenção do massagista. Numa passagem curiosa, ao falar com o atleta Rafael (que esteve machucado por um período significativo) que treinou dizendo que estava “meia boca” para jogar, o preparador físico Edmilson agiu da seguinte maneira: chamou Rafael para perto, que aproximou-se e sentou. O preparador físico mandou que o mesmo levantasse e disse: *“vamos falar de homem para homem! Tu podes jogar ou não, tu estás bem ou não? Ou tu tá 100% para jogar ou diz pro treinador que não dá. Ele não pode treinar contigo e tu tá “meia boca” e chega na hora tu não joga”*.

Ainda que uma lógica importante, para quem trabalha coletivamente, estivesse em jogo, qual seja, o fato de o atleta estar treinando em condições físicas precárias (o que é bastante comum, a medida que se espera que o atleta suporte as dores cotidianas), ocupando o lugar de alguém que poderia (deveria) treinar, uma vez que não havia garantia de que Rafael pudesse participar da partida, o que se destaca é o desafio imposto ao homem (ainda que de 16 anos) de, ou suportar a dor calado e treinar, ou assumir a sua incapacidade – tarefa sempre difícil, pois implica em correr o risco de perder prestígio, além do lugar no time – perante o treinador. Em ambos os casos, assume-se o risco que esconder ou revelar a dor sempre provoca quando se trata de homens a jogar.

3. Uma ética cavalheiresca (Corpo Nobre)

Mas não é apenas desta incorporação da dor e da violência que se forja o atleta profissional de futebol. Há mais. Há, por mais complexo que possa parecer, uma formação que a primeira vista se insurge como paradoxal, mas que pensada sob termos específicos, carrega uma lógica significativa, a saber, a formação de um sujeito nobre.

Thomas Mann (2006), mais uma vez, lembra que a nobreza não é transmitida pela riqueza ou pela inteligência, mas pelo sangue, pelo corpo. É este corpo que exige um comportamento digno dos colegas de profissão, cuja honra e nobreza está no respeito aos traços característicos da função exercida. A nobreza de que trato não é aquela afetada das cortes, mas a dos cavaleiros, que ao respeitar em igualdade e dignidade o outro, ainda assim podiam se lançar à luta, à violência, à guerra.

Guardados os limites das comparações, mas com este espírito iluminando estas ideias, esperam os jogadores de futebol, seja durante os treinamentos, com seus parceiros, seja durante os jogos, contra os adversários, a conduta firme e honrada de quem, ao não temer a dor, nem a violência, se porta com elegância e respeita os princípios éticos dos códigos implícitos da profissão, mesmo que a revelia da lei e da moral social mais ampla ou do espetáculo.

Ao contrário do que possa parecer e que de modo geral tornou-se senso comum sobre jogadores de futebol no Brasil, a saber, a ideia de que são malandros, indisciplinados e pouco respeitosos com as pessoas em geral e os companheiros de profissão em particular, há um comprometimento coletivo – mesmo que na hora do jogo jogadas desleais se desenrolem – com o outro, um código de honra que, se não está escrito, não é também demasiado sutil, regula a conduta na relação entre os pares na lógica futebolística.

Ainda assim, a despeito da perceptível tendência ao respeito profissional reclamado sob o nome de ética, a dor agenciada em treinamentos e jogos colabora na organização dos espaços sociais e até coordena, em sentido performático, as ações individuais e as posturas coletivamente aceitas no contexto futebolístico. Das contingências aos ordenamentos mais estruturais, a dor resgata a ambiguidade do humano e recoloca os cálculos das ações não nas medidas científicas, mas nos espaços de relações sociais.

Retomemos os atletas. Em minhas observações, conversas informais e entrevistas, pude perceber que o cotidiano vivido em meio a dor, a rotina e ao cansaço é contrabalançado pela alegria de estar com o grupo e com a bola, pela certeza dos resultados positivos na melhoria do rendimento em virtude dos treinamentos e a esperança/fé numa carreira de sucesso. É assim que todos com quem conversei, sem exceção, dizem se acostumar em conviver com a dor e que ela nem incomoda tanto, a não ser em caso de lesão grave.

A fadiga muscular e as lesões leves são facilmente assimiladas e raramente impedem o atleta de jogar ou treinar. Isto se deve, a meu ver, ainda que as experiências sobre os “anestésicos químicos cerebrais” acima citados pareçam ter fundamento, ao fato de que se espera que estes atletas, mesmo os mais moços, resistam e enfrentem este componente intrínseco de sua formação/profissão e aprendam a lidar com a mesma nas diversas circunstâncias. Não sem razão há na fisioterapia uma certa jocosidade que resulta, em alguma medida, desta incomensurabilidade do corpo e da desconfiança que isto gera.

Interessante notar que a dor das lesões mais graves está ligada ao afastamento dos treinamentos e dos jogos. Quanto mais importantes os jogos a serem disputados, mais dói a dor de quem está afastado, num processo de ampliação da dor resultante do afastamento de seus pares e das possibilidades profissionais que as boas partidas representam. Portanto, também, considero haver uma hierarquia no trato da dor, semelhante aos esforços dos atletas com relação aos testes (conforme descrito na segunda parte) que faz com que os jogos tenham significados distintos para cada jogador, de acordo com sua posição no sistema futebolístico, e as dores decorrentes sejam agenciadas de forma diferente.

Do mesmo modo, o afastamento dos familiares, principalmente dos mais jovens em relação aos pais e irmãos – mais significativamente da mãe – e dos amigos, da rua e da cidade onde nasceram geram contornos complexos e diversos no sentimento da dor. Como

revela o Prof. Michel, a distância de casa, a ausência dos parentes, amigos e principalmente a saudade da mãe, no caso das categorias de base, faz com que a dor doa mais, uma intensidade associada ao sentido deslocado e solitário que este ser-no-mundo carrega. Lembra LeBreton (1995, p. 56): «La médecine est un savoir du corps (organic) et de ses processus, elle n'est pas un savoir sur l'homme et son repport au monde». A dor não é um fato da fisiologia corporal, mas um fato da existência.

Corroborando estes aspectos, o próprio médico do clube reconhece:

Nisso vai estar tudo envolvido [...] fatores extras. Por exemplo, o atleta está com dor no joelho, mas o problema não é só o joelho, o problema é que ele não dormiu em casa, está com problemas com a família, o filho novo não o deixa dormir; ou ele saiu do time. Tudo isso precisa ser observado.

Há dois consensos importantes entre atletas e comissão técnica: 1) o de que a dor pode ser agenciada para se deixar de treinar e/ou jogar, ou seu contrário e; 2) a profissionalização e modernização dos processos têm inibido esta forma de agir dos atletas.

Sobre o primeiro ponto, o acordo é evidente⁵, ainda que o que se chama de “migué”, termo nativo referente a simulação de contusão ou doença para não treinar, seja tratado com uma dose de embaraço e descartado como prática no clube. Ainda assim, haja vista o fato de seu reconhecimento, a jocosidade com que alguns atletas simulam, de modo performático, uma contusão quando o treino está muito pesado – principalmente treino físico – demonstram que tal prática não desapareceu e seus efeitos prático simbólicos são importantes, pois reafirma a hierarquia entre pares na relação entre si e com a comissão técnica.

A afirmação do Dr. Romero, transcrita logo a seguir, que anuncia, por parte dos jogadores, uma possibilidade de jogar com o que interessa, do ponto de vista profissional, ajuda a elucidar a questão:

Tem o popular “nhé né”. É que não está a fim de jogar um jogo, ou não está com vontade de jogar outro. Quando eu trato de um atleta assim (...) ele está de má vontade, não está a fim. Porque na cabeça dele há uma certa prioridade, já

que uma determinada competição é mais importante que outra. Em uma ele pode ser convocado para a seleção.

Tais afirmações, assomadas às inquietações de um jovem jogador quanto a sua recuperação longa e difícil resultante de uma sucessão de lesões, em se comparando ao tratamento dado a jogadores consagrados – como a recuperação atlética do jogador Diego, que teve problemas cardíacos e ficou um ano sem jogar, ou mesmo de Zé Roberto, que sofreu duas intervenções cirúrgicas no joelho – demonstra o caráter hierárquico e privilegiado que o futebol expõe, através, evidentemente, do capital futebolístico do atleta conversível em capital econômico pelo clube.

É nestes termos que Samuel se expressa:

(...) quando a gente se machuca, jogador assim ah! Não dão atenção nenhuma, deixam você lá largado. Se você precisa de um apoio eles não estão nem aí e isso acontece em todos os lugares. Não só aqui. Então se isso acontecer comigo... aconteceu várias vezes comigo e eu sempre procurava minha família, assim, para me ajudar, me apoiar, porque se dependesse daqui eu ia ficar muito para baixo eu acho que não ia superar tudo isso entendeu. E é difícil, ninguém te dá atenção, você se sente um desvalorizado, que não serve para nada. E isso é difícil. Você está ali machucado, precisa de um apoio, de força, tal, superação e isso não acontece.

O interessante é que o próprio jogador reconhece o sentido econômico de sua condição, quando reclama uma maior atenção do clube com base no fato de os jovens jogadores serem uma fonte de renda para o clube, o que exigiria maior respeito e cuidado. Assim, ainda que os jogadores possam jogar, através da dor, com suas posições no elenco de jogadores, com os jogos e treinos, o próprio clube pode trabalhar para que seus interesses sejam impostos.

Ainda assim, há um espaço de manobra que, embora evidentemente regulado pelo sistema de hierarquia e status, permite aos jogadores certa margem de movimento no interior do treinamento, dos jogos e do próprio grupo. Da mesma maneira que um jogador importante para o clube pode ficar afastado do treino em virtude de “dores musculares”, outros podem enfrentar (ou mesmo ocultar) dores e lesões para não desperdiçarem a

oportunidade de estar presente em momentos importantes. É o caso de um dos jogadores dos juniores (Pedrinho), que pressionou o médico para retornar a equipe – ainda que o mesmo não houvesse sido liberado pelo departamento médico – pois queria estar na final da Copa Tribuna de 2006.

É comum o desejo de voltar logo aos treinos e às competições, de modo que os atletas escondem a dor para poderem treinar. Os casos conhecidos, geralmente, são os que acabam sendo obrigados a retornar ao tratamento médico-fisioterápico em virtude da recidiva da lesão ainda não cicatrizada. Por outro lado, pouco se sabe dos que retornaram aos treinos ainda com dores e prosseguiram, do mesmo modo que é comum o departamento médico liberar um jogador para suas atividades normais – após exames, testes e tratamento “completo” – e o mesmo voltar a sentir dores ou mesmo ter uma recidiva da contusão.

O Prof. Michel me chamou a atenção para mais um aspecto dos usos da dor: os gritos dos jogadores, mesmo nos treinos, quando sofrem uma falta ou um contato físico mais vigoroso, ou ainda que não tenham nem sido tocados. Esta forma de jogar com a dor através do grito – da voz que se torna linguagem – funciona como um modo de ludibriar árbitros, torcedores e adversários e é incorporada na *performance* que cada jogador desenvolve dentro de campo. Entretanto, como as hierarquias e estratos classificatórios são diversos, há um sistema de distinção no agenciamento da dor através da *performance* – ou da teatralidade incorporada e modulada na voz e no gesto.

Esperam-se condutas condizentes com as atribuições dos atletas em campo, com suas características físicas, assim como com seu status no sistema futebolístico. Exemplificando, de zagueiros e volantes, principalmente, além de jogadores de porte físico avantajado, imagina-se que joguem pouco com esta possibilidade, diferentemente dos atacantes leves, que abusam do grito e do teatro. Já os craques devem se conduzir

cavalheirescamente, simulando e dissimulando, sem jamais exceder o ponto em que seu respeito e prestígio corram riscos. Agem, por fim, sob pena de perderem espaço no sistema que classifica os jogadores pelo seu saber incorporado, que se estabelece como “capital futebolístico” acumulado e pronto a ser utilizado, com as lógicas coletivas que a estrutura distribui.

Ressalto que a aprendizagem deste modo de agir/reagir ao jogo, mais do que a própria violência, dá-se pela atitude mimética descrita por Mauss (1974), e que o sistema organizado em valores e normas implanta, distribui e regula as *performances* esperadas, e por vezes desejadas, tornando a dor e seus usos mais um componente da *illusio* que atravessa o futebol.

Mais uma vez recorro ao discurso médico para reforçar meus argumentos. Nas palavras do Dr. Batista: “Então, na verdade, a dor não é critério que você usa no dia-a-dia. Você tem outros critérios que vão estar atirando sobre você para ter mais segurança. A gente não se atém só a essa questão de dor”. Primeiro, porque ela entra no plano do suportável; segundo, porque ela é incomensurável e; terceiro, corolário e fundamento das primeiras, porque, em sendo como o é, é possível agenciá-la, ainda que se reconheça os limites que a estrutura do campo esportivo impõe.

Portanto, e por fim, ainda que o trabalho de campo tenha apresentado algumas destas variantes ligadas a lesão, dores e recuperação, o mais importante, para além do fato de as mesmas ocorrerem, é o reconhecimento da impossibilidade das biociências – medicina, fisiologia e treinamento esportivo – alcançarem o corpo vivido. Relembrando LeBreton (2006), há pouco citado, estes são saberes do corpo: do homem em sua relação com o mundo.

Considerações Finais

Procurei demonstrar neste texto, que a despeito dos esforços da tecnociência e da biomedicina de controlar o corpo através dos dispositivos matematizáveis, eliminando as incertezas inerentes a vida humana, a dor, em sua complexa ambiguidade, aparece como um elemento a obstruir a ordem das certezas e dos cálculos, impondo ao treinamento esportivo, cada vez mais ordenado pela lógica do controle, imponderáveis importantes para a vida cotidiana de um centro de treinamento.

Deste modo, agenciando a dor para jogar o jogo de saber poder no interior de um clube de futebol, os atletas manipulam este saber de seus próprios corpos com vistas a melhor se adequarem a estrutura e a ordem internas. A dor, portanto, para além de uma justificativa ideológica da derrota, ou da vitória, é um componente fundamental das relações sociais no futebol, em particular, e, porque não, do esporte em geral. Através dela, alianças são construídas, lealdades confirmadas, disputas e interesses postos em jogo, neste interminável processo de travar relações.

Por fim, o corpo, este suporte do ser no mundo, escapa aos controles dos sistemas biotécnicos, uma vez que em seu interior se trama o incontrolável, o incomensurável: o inefável.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BITENCOURT, F. G. . “Ritos de Passagem no Esporte?”. In: *XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Florianópolis. Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado: Pesquisa de Antropologia Política*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Muribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GUERCI, Antônio, & CONSIGLIERI, Stefania. “Por uma Antropologia da Dor: notas preliminares”. *Ilha Revista de Antropologia*. Florianópolis, vol 1, no. 0, outubro de 1999.

LE BRETON, David. *Anthropologie de la Douleur*. Paris: Métailié, 2006.

_____. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MANN, Thomas. *A Montanha Mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia – Vol II*. São Paulo: EPU – EDUSP, 1974.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

1 Por diversas vezes tive conversas com colegas que iniciaram a leitura deste livro e ficaram um tanto chocados com a crueza e força da descrição do suplício narrado. Minha primeira impressão, também, foi de desagradado, uma sensação ambígua, que misturava a curiosidade mórbida ao horror da cena.

2 Para mais discussões sobre esta questão ver: Elias (2001) e Rodrigues (1999).

3 Tais máquinas são: Raio X, Ressonância Magnética etc.; estas capazes de ver o interior do corpo.

4 Os testes funcionais são ações mecânicas como apalpamento, flexão e extensão, por exemplo, sobre o membro, articulação ou tecido lesionado.

5 Nas palavras do Dr. Batista: porque a gente já viu algumas vezes que ele (o atleta) está com dor, mas está com dor porque não quer treinar. Já aconteceu de o atleta se referir a dor, você vai avaliar, faz teste funcional e vai chegar a conclusão de que a dor não está compatível com o que ele relatou.